

Simão PEDRO

Simão
PEDRO



Georges Chevrot



QUADRANTE

Título original
Simon Pierre

Copyright © 1990 by Marcel Chevrot, Paris

Capa
Gabriela Haeitmann

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Chevrot, Georges, 1879-1958

Simão Pedro / Georges Chevrot; tradução de Emérico da Gama. –
3ª ed. – São Paulo : Quadrante Editora, 2024.

Título original: Simon Pierre

ISBN: 978-85-7465-76-39

1. Pedro, Apóstolo, Santo 2. Santos cristãos - Biografia 3. Teologia I.
Título

20-38386

CDD 282.092

Índice para catálogo sistemático:

1. Santos apóstolos : Igreja Católica : Biografia 282.092

Todos os direitos reservados a QUADRANTE EDITORA
Rua Bernardo da Veiga, 47 - Tel.: 11 3873-2270
01252-020 - São Paulo - SP
www.quadrante.com.br | atendimento@quadrante.com.br

Índice

Prefácio	7
A chamada de Cristo	11
O recomeçar necessário	23
A missão do Apóstolo	35
Homens de pouca fé.....	45
A apostasia das massas	55
A divindade de Jesus Cristo	65
A divinização do Cristão.....	75
A perenidade da Igreja.....	85
O chefe humano da Igreja divina.....	95
A visão humana de Pedro	105
Nas trevas e na luz	115
Os limites da caridade	123
A recompensa do Apóstolo	131
O serviço fraterno	143
As lições de uma falta	153
Oração pelo pecador.....	165
Oração e vigília.....	175

Vencer-se! Depois vencer	185
Seguir a Cristo de longe.....	193
Da imprudência à negação	203
Arrependimento e perdão	213
Sentir com a Igreja	223
A condição essencial do Apostolado.....	233
Vínculos que libertam	243

Prefácio

Tu es Petrus...

(Mt 16, 18)

Reúnem-se aqui as principais passagens do Evangelho em que Cristo e Simão Pedro aparecem reunidos na presença um do outro. Não nos parece que permitam conhecer em detalhe o lento labor com que o Senhor moldou a alma do Príncipe dos Apóstolos. O paciente influxo do Mestre sobre os seus discípulos desprende-se, na verdade, de todas as páginas do texto sagrado, e foi levado a cabo sobretudo durante os colóquios íntimos que tinha com eles e em que lhes falava ao ouvido (Mt 10, 27).

No entanto, este feixe de episódios lança uma viva luz sobre os métodos de formação empregados pelo Salvador. Vemo-lo aproveitar todas as ocasiões para disciplinar o fogoso temperamento de Simão Pedro, quer ao atalhar os seus defeitos, quer ao dar-lhe ocasião para pôr em prática as suas qualidades, quer ao censurá-lo e humilhá-lo, ou ao exaltá-lo e animá-lo. E se a arte do divino Mestre pode servir de modelo a todos os que têm a seu cargo a direção de almas, deveria animar-nos ainda mais a perspectiva de aplicarmos à nossa própria vida as lições que contribuíram para fazer do pesca-

dor da Galileia um autêntico discípulo de Cristo e o modelo de todos os apóstolos.

Se nos pusermos a aprender as lições de Cristo valendo-nos de Pedro como guia, descobriremos que os seus ensinamentos se tornam, não mais fáceis, mas mais exequíveis. Haveremos de reconhecer-nos de bom grado na psicologia do ardoroso discípulo, ora impulsivo, ora audaz, ora tímido, mas sempre enamorado, mesmo nos seus desfalecimentos. Pedro é sincero. A sua retidão, franqueza e generosidade conquistam imediatamente a nossa simpatia, e não podemos deixar de querer-lhe bem. Talvez sejam mesmo as suas imperfeições o que o torna tão amável: sentimo-lo tão veraz, tão espontâneo!

Ao vermos como os seus defeitos se assemelham aos nossos, sentimo-nos dominados pelo desejo de imitar as suas virtudes. Uma santidade como a sua não repele: nada tem de mesquinho ou de convencional. Não é uma caricatura. Pedro possui perfeitamente a nossa própria natureza, mas entregou-a totalmente ao Salvador, e o amor de Jesus Cristo transformou-o paulatinamente até elevá-lo à santidade. Junto dEle, também nós não desesperaremos de chegar aonde o Apóstolo chegou.

A vocação de Pedro, é bem verdade, ultrapassa a nossa. Com ele, podemos aprender as regras da vida cristã e as tarefas apostólicas, mas na Igreja ele é o nosso chefe. Pois bem: precisamente as poucas linhas do Evangelho em que vislumbramos o futuro Vigário de Cristo completam a nossa formação cristã, estimulando em nossos corações as virtudes católicas da confiança, da docilidade, da adesão à Santa Igreja e ao seu Chefe. Quantos problemas atuais se resolvem e esclarecem simplesmente considerando no texto evangélico a figura do Homem das Chaves do reino de Deus!

O Evangelho, que nos permite admirar os traços da fisionomia moral de Simão Pedro, só nos apresenta o período mais curto da sua atividade. Para contemplarmos em ação o chefe

da Igreja, seria necessário pelo menos acompanhar os começos do seu ministério pastoral no livro dos Atos dos Apóstolos. Para termos uma ideia menos sucinta da sua santidade, teríamos que meditar na doutrina das suas Epístolas. Então conheceríamos São Pedro. Procuraremos fazê-lo algum dia, se Deus o permitir.

A chamada de Cristo

Jesus, fixando nele o seu olhar, disse: «Tu és Simão, filho de João; chamar-te-ás Cefas, que quer dizer Pedro».

(Jo 1, 42)

O quarto Evangelho conta-nos em breves linhas a vocação de Simão Pedro. O seu irmão André e o próprio autor do Evangelho, até então discípulos de João Batista, souberam pelo Precursor quem era Jesus. Apontando-o, tinha-lhes dito: *Eis o Cordeiro de Deus*. Seguiram-no imediatamente e Jesus, voltando-se, perguntou-lhes: *Que procurais?* Responderam: *Rabi, onde moras?* E Cristo disse-lhes: *Vinde e vede*. João recordará sempre este minuto decisivo da sua vida: eram quatro da tarde, escreveu. E ficaram com Ele o resto do dia.

Estamos condenados a ignorar o que se passou naquela conversa que inaugurou o ministério de Jesus. Sabemos, porém, que os seus dois interlocutores saíram dela alegres e convictos: *Encontramos o Messias!*

Que entusiasmo nesta exclamação! Tinha-lhes sido oferecida a possibilidade de viverem o momento em que o libertador de Israel, esperado havia séculos, chegava a este mundo. Desde que tinham aprendido a rezar, pediam ao Eterno que enviasse o seu Cristo, e eis que a sua

oração acabava de ser escutada. Aparecera o Messias; tinham-no visto e ouvido! Foi precisamente a eles, dois humildes pescadores, que o Senhor falou pela primeira vez do reino de seu Pai. Tinham encontrado Aquele que deveria arrancar a humanidade à servidão do pecado e fazer reinar a justiça de Deus sobre a terra. Tinham procurado a Verdade e tinham-na conhecido. Tinham procurado a Deus e tinham-no encontrado.

Como poderiam guardar só para eles a sua descoberta? Eram demasiado felizes para não partilharem com outros a sua alegria. Cada um tinha um irmão, pescador como eles, e também como eles fiel ouvinte de João Batista. Foram procurá-los.

André – sublinha o evangelista – foi o primeiro a encontrar seu irmão, e anuncia-lhe de chofre a incrível descoberta: *Encontramos o Messias!* O Messias? Simão não precisa ouvir duas vezes. E corre para junto do Salvador.

Jesus, fixando nele o olhar... Que impressão não devia causar nos discípulos o olhar de Cristo, pois o texto evangélico sublinha-o como um fato que nunca mais se pode esquecer! Jesus fita o recém-chegado e penetra até ao mais profundo do seu coração. Por detrás do pescador da Galileia, vê toda a sua Igreja até ao fim dos tempos. Não lhe pergunta quem é, porque o conhece desde sempre e o espera: *Tu és Simão, filho de João*. E do mesmo modo que conhece o seu passado, conhece o seu futuro. Simão ainda não se tinha refeito da surpresa de ver-se imediatamente identificado, quando o Mestre acrescenta: *Chamar-te-ás Cefas*.

Esta apresentação pode parecer-nos bastante estranha a nós, ocidentais de hoje. No entanto, deve ter impressionado vivamente as testemunhas da cena, mais familia-

rizadas do que nós com as grandes recordações históricas do povo eleito. Em tempos idos, o próprio Deus tinha mudado o nome do primeiro chefe da nação sagrada: *Chamar-te-ás Abraão, quer dizer, pai de uma multidão de povos* (Gn 17, 5). Trocara também o nome de Jacó pelo de Israel, que significa «aquele a quem Deus não pode resistir». De que missão viria a ser investido este simples pescador, agora também tratado de um modo solene?

De hoje em diante *chamar-te-ás Cefas*, que quer dizer pedra, rocha. Naquele momento é apenas Simão, filho de João, um bom israelita, fiel aos ensinamentos de seus pais e que vive da pesca, como os seus antepassados. Os seus horizontes terminam na outra banda do lago de Genesaré. Espera ser o tronco de outros fiéis como ele, que, depois de terem sido educados no temor de Deus, o substituirão na sua barca e lhe fecharão os olhos. Deus, porém, tem outros planos a seu respeito. Não morrerá no mísero burgo de Betsaida depois de abençoar os filhos, porque os seus filhos hão de ser multidão. Atravessará mares muito mais encapelados que o de Tiberíades para realizar rudes trabalhos de que nem sequer suspeita. Deus vai mudar-lhe de tal modo a vida que chegará a perder o seu próprio nome: chamar-se-á Pedro, porque será a rocha sobre a qual se apoiarão milhões de homens ao longo dos séculos.

O Evangelho não nos dá a conhecer os pensamentos íntimos do futuro Apóstolo, que, aliás, nos seriam muito menos úteis do que as palavras de Cristo. Uma alma apresenta-se diante de Jesus, e Jesus atravessa-a de lado a lado, adivinha-a, dá-lhe um nome, consagra-a e, de certo modo, toma posse dela. De uma maneira análoga, Deus tem os seus planos sobre cada um de nós,

porque todos nós somos, da parte dEle, objeto de uma vocação especial.

* * *

Deus dá a cada homem um nome que corresponde às suas intenções a respeito dele, e coloca-o num lugar determinado no mundo das coisas criadas. Deus *nomeia-nos, designa-nos; chama-nos*. Chama-nos a uma tarefa e designa-nos para uma função. É isso que constitui a nossa *vocação*.

Que é uma vocação? É a missão concreta que Deus atribui a cada homem. Os outros seres recebem uma função que executam de um modo necessário. O homem, dotado de liberdade, tem também uma função a cumprir dentro do plano divino, mas deve realizá-la voluntariamente.

Por outro lado, e tendo em vista essa missão específica que atribui a cada homem, Deus dá-nos umas qualidades apropriadas. No entanto, não no-las comunica já plenamente desenvolvidas. Coloca unicamente o seu germe na nossa natureza, e é a nós que nos compete cultivá-las e fazê-las crescer com a ajuda da graça.

Bem pode Simão passar a chamar-se Pedro, que não mudará de caráter pelo simples fato de mudar de nome. Não passará a manifestar de um dia para o outro a firmeza que o seu nome indica, e, muito embora a sua fé revele imediatamente a resistência da rocha, a sua vontade será ainda por algum tempo uma rocha que oscila. O próprio Cristo, que quer fazer dele o esteio da sua Igreja, dir-lhe-á um dia que ele não é mais do que uma pedra de escândalo.

Ao chamar-nos para uma missão, Deus não suprime a nossa atividade; estimula-a. Chama-nos, sem dúvida, mas nós temos de corresponder. Pelo nosso batismo, todos nós somos «designados» santos, como São Paulo chamava os seus irmãos. Não «feitos» santos naquele instante, mas chamados à santidade e capacitados para chegar a ela.

O mesmo acontece com as funções particulares que Deus determina para cada um. Os que Ele «designa» para esposos e pais não poderão recusar-se a cumprir os deveres do seu cargo sob o pretexto de não estarem talhados para as exigências da vida conjugal ou de não terem feitio para educadores. Ao chamar-nos a um estado, Deus nos dá potencialmente as qualidades necessárias para essa situação, mas é a nós que nos compete desenvolvê-las. Simão veio a ser Pedro à custa de esforços renovados e progressivos, e nós, do mesmo modo que ele, só alcançaremos as virtudes da nossa vocação à força de energia e paciência.

Deus nunca fará por nós o que possamos fazer sozinhos. Poderia, sem dúvida, transformar-nos sem nenhuma cooperação da nossa parte, uma vez que é o nosso Criador, mas nesse caso só haveria criação. A «vocação» acrescenta à ação criadora a livre resposta do ser humano.

O Senhor pergunta-nos: «Queres entrar na vida? Queres participar do plano concebido pelo Autor da vida? Queres realizar a tua parte na obra divina da vida? Queres compreender e dirigir a tua vida, levá-la até à plenitude e receber em troca a plenitude da vida? Queres seguir-me? Queres ser perfeito? *Se queres entrar na vida... Se alguém quer vir após mim... Se queres ser perfeito...*»

Aqui Deus não impõe; propõe. Quando cria o universo irresponsável, basta-lhe dizer: *Faça-se a luz!* (Gn 1, 3), e milhares de sóis iluminam o espaço. Porém, tendo feito do homem um ser moral, respeita a personalidade humana. Ele pergunta, chama: «Queres tornar-te a luz do mundo? Queres iluminar os teus irmãos e glorificar o teu Criador?»

Se o Senhor não nos transforma sem a nossa vontade, também nós não podemos transformar-nos sem Ele. A vocação implica uma colaboração de Deus e do homem. Deus ajuda-nos a transformar-nos: ajuda-nos de uma maneira poderosa e incessante; e o auxílio da graça – real, ainda que misterioso – vem em socorro das nossas forças naturais, quer para fortalecer as disposições interiores que nos levam ao cumprimento da nossa missão, quer para corrigir as tendências que nos afastariam dela.

O auxílio divino não se produz apenas no interior da alma. Deus, Senhor dos acontecimentos, faz com que estes estejam a serviço do fim que espera de nós, mesmo quando são consequência da nossa liberdade enfraquecida ou rebelde. Não foi assim que Cristo fez com Simão Pedro? Servir-se-á dos juízos errôneos do Apóstolo, das suas imprudências e até da sua negação para prepará-lo para desempenhar melhor a sua missão. Do mesmo modo, as nossas faltas, as nossas imperfeições e as nossas quedas são ensinamentos que nos ajudarão a cumprir melhor as obrigações futuras e nos levarão a ser o que Deus quer que sejamos. W. F. Faber escreveu estas penetrantes palavras: «Os anos da nossa vida já transcorridos são um volume de profecias». Para muitos, infelizmente, essas profecias cumprem-se com inexorável exatidão, porque reincidem nas suas faltas com a regularidade de um pêndulo. No entanto, para quem sabe aproveitar os

seus erros, as faltas dos tempos passados são uma predição salutar e uma advertência que o põe de sobreaviso e o impede de recair.

A ajuda que Deus nos dá para realizarmos a missão que nos confia, encontramos-la na própria tarefa a cumprir: ela desperta as virtudes de que necessita e apressa o seu desenvolvimento. Quando a missão vem de Deus, e não da nossa ambição, traz consigo as qualidades de que carece para se realizar. Porventura existem pais que não sintam a transformação que neles opera a presença do primeiro berço? Diante de um pequeno ser que precisa de dedicação, o amor mútuo dos pais dilata-se e, se até essa altura tinha sido um fim em si mesmo, o filho purifica esse excesso inconsciente de egoísmo, que viria a ser fatal para o próprio amor.

Da mesma maneira, essas audácias que não amedrontam quando se ocupa uma posição de subalterno, em breve se moderam quando, ao chegar-se a chefe, se adquire um sentido mais agudo das próprias responsabilidades. É que se descobriu a virtude da prudência, que antes talvez não se tivesse cultivado.

A vida, tal como Deus a organiza, é uma grande educadora, que é preciso escutar porque purifica o nosso caráter. Assim, a doença, a incompreensível doença, vem no momento oportuno para nos ensinar a ser mais compreensivos com os sofrimentos alheios. Os nossos fracassos, também incompreensíveis depois de termos despendido tanto esforço para cumprirmos bem o nosso dever, estão a serviço de Deus no sentido de que nos levam a desprender-nos de uma ideia talvez falseada dos nossos verdadeiros interesses.

O prodígio da ação divina vai ao ponto de libertar-nos das nossas próprias opiniões. À medida que a idade

avança, corrigimos ideias e juízos que pareciam fazer parte do nosso ser. Uns «deitam água no vinho», enquanto outros o tornam mais forte. Os temerários tornam-se prudentes e os tímidos corajosos. Um belo dia, o filantropo aprende a rezar, enquanto o homem que não se dedicava senão aos seus deveres religiosos dá-se cada vez mais a obras de caridade. Todos explicam da mesma maneira a sua evolução: «Foi a vida que me fez mudar». Na realidade, muitas das nossas ideias nos eram impostas de fora e sem nos apercebermos disso. E a vida vai-nos despojando aos poucos desses elementos estranhos e fazendo surgir do nosso próprio íntimo ideias mais exatas sobre a verdade. De tal modo ordenou Deus as coisas que a nossa própria vida nos proporciona os meios para a orientarmos para o bem.

Objetar-se-á que esta transformação está longe de ser universal. Isso, porém, só prova que não é fatalmente necessária e que só se verifica naqueles que querem *viver a sua vocação*. A partir do momento em que um homem se consagra totalmente à sua obra, a sua obra modifica-o e, se for boa, melhora-o. E quando não se trata simplesmente do homem, mas do cristão que se entrega sem reservas à sua vocação, esta não tarda em santificá-lo. Simão apaga-se diante de Pedro, tal como João Batista encontrava a sua alegria em minguar para que Jesus crescesse, e Paulo já não queria ser senhor da sua vida, porque Cristo vivia nele.

* * *

É muito importante que cheguemos a possuir uma clara consciência da nossa vocação. O esforço necessário para *realizá-la* torna-se mais fácil depois do esforço que

fizermos para *reconhecê-la*. Simão já não é o mesmo depois de Cristo lhe ter dado o nome de Cefas.

Qual é a nossa vocação? Seria bom revermos de vez em quando as orações da liturgia do Batismo. Revelam-nos uma audácia verdadeiramente perturbadora e esclarecem-nos sem qualquer gênero de dúvidas sobre a nossa vocação de cristãos. Nelas se encerra esta espantosa declaração que Cristo dirige ao neófito, convertido desde esse instante em um só corpo com Ele: «Tu és filho de um homem, mas de agora em diante serás *filho de Deus*».

Este é o nosso verdadeiro nome, o nome que Deus nos dá e que não é uma metáfora nem um simples título honorífico. Todos os seres são realmente aquilo que são segundo Deus os designa, e por isso somos filhos de Deus. Filhos adotivos mas realmente filhos, por essa fraternidade de sangue que o Batismo nos fez contrair com Jesus Cristo, que é Filho de Deus por natureza.

Eis o que é um batizado. Não é apenas um simpático bebê vestido de branco, de quem ainda não se pode dizer se se parece mais com o pai ou com a mãe. Essa criança acaba de receber uma nova parecença: parece-se com o seu irmão mais velho, Jesus Cristo, e toda a sua vida deve ser um esforço diário para reproduzir voluntariamente essa semelhança.

Estar batizado não é apenas estar inscrito nos registros eclesiásticos e pertencer oficialmente a uma religião. A pessoa batizada é, para toda a vida, um filho de Deus. Um filho dócil, amante e generoso, ou um filho desleixado, desobediente e desnaturado. Mas enquanto existir sobre a terra, Deus chamar-lhe-á filho, e Cristo será seu irmão.

Não. Um cristão não é um homem como os outros e por isso não deve viver como eles. Só chegaremos a ser

coerdeiros com Cristo na felicidade do Céu se nos portarmos como filhos, isto é, se formos agora os *colaboradores de Deus*, continuando a obra do nosso Irmão mais velho na nossa vida pessoal e por meio da influência que exercemos à nossa volta.

Esta vocação geral do cristão *especializa-se* para cada um de nós. Deus, que não se repete ao criar as folhas de uma árvore, designa a cada homem uma forma específica de vida. No mundo, cada homem tem um lugar e um papel únicos: nem somos anônimos nem nos podemos trocar entre nós. Deus conhece-nos pelo nosso nome e dá a cada qual uma missão localizada e determinada, que não é a mesma do vizinho. No lugar em que a sua vontade me colocou, devo realizar a obra que Ele me confia. Para realizar os seus planos, Deus tem necessidade de mim; de certo modo, eu sou-lhe necessário.

Chamar-te-ás Cefas. Simão não deve tomar o lugar de Tiago, nem por humildade, nem pelo desejo de um martírio mais rápido. Simão deve permanecer no lugar específico que Jesus lhe indica: Cefas é necessário a Cristo.

Todos nós, portanto, pertencemos a Deus e somos seus filhos de uma maneira única, e por sua vez Deus nos pertence e é nosso Pai de uma maneira também única. As circunstâncias de nascimento, de situação social e de profissão criam-nos deveres que delimitam a nossa *vocação particular* e traduzem a vontade específica de Deus sobre cada um de nós. Aí, no lugar em que Ele nos colocou, devemos colaborar na sua obra com o amor de um filho.

Mais ainda: qualquer oração que dirigimos a Deus deve ter como primeiro efeito dar-nos a conhecer a *nossa vocação, o querer divino, naquele momento*. Dia após dia, hora após hora, Deus nos dá a conhecer a nossa missão de filhos seus e de irmãos de todos os homens.

Ele não cessa de nos chamar, mas nem sempre o ouvimos, na barafunda das inúmeras ocupações que nos distraem ou no turbilhão das nossas paixões. No entanto, se quisermos penetrar na nossa intimidade, poderemos ouvir a sua voz e conhecer a sua vontade atual. Ele nos chama à oração ou à caridade, à ação ou ao sacrifício, quer através de inspirações discretas, quer de incitamentos imperiosos.

Poderá alguém perguntar se este programa não será um sonho. No entanto, é o que há de mais rudimentar no dogma cristão. Quem não o entende, ignora tudo do cristianismo. Assim compreendemos a dignidade que o Batismo nos confere, e não podemos continuar a ser desses cristãos que Heine ridicularizava ao dizer que a água do seu batismo tinha secado muito depressa. O nosso esforço deve dirigir-se corajosamente a merecer o nome que Cristo nos deu, a viver como filhos e colaboradores de Deus e a usar com orgulho e sem o aviltar o nosso magnífico nome de cristãos.